

## ASPECTOS DA GÊNESE TEXTUAL DA VERTENTE DE CRÔNICAS DE CRÍTICA AO CONTEXTO NO BRASIL

*José Alcides Ribeiro (USP)*  
[lemelite@gmail.com](mailto:lemelite@gmail.com)

Na França e Inglaterra, há uma grande circulação de jornais e revistas no século XIX. Em decorrência do aumento de novas camadas de leitores, há a presença nessas publicações de gêneros textuais variados. Alguns gêneros são ligados especificamente à notícia. É o caso das seções exterior, interior, fatos diversos dos jornais, que são resultantes da organização das notícias por temas.

Outros gêneros têm por base a ficção e a poesia. Eles aparecem nos jornais franceses nas seções de folhetim ou nas páginas das revistas inglesas, são romances e contos.

Nos jornais franceses, há gêneros na seção folhetim que não se baseiam estritamente nas notícias. Embora nelas estejam alicerçadas, apresentam grande liberdade na organização dos níveis textuais (semântico, estilístico, retórico), inclusive, com grande liberdade de apreciações sobre os fatos noticiosos. Esse é o caso da crônica. As seções de crônicas do *Jornal dos Debates* de Paris formam um rico mostuário desse tipo de gênero.

Nos jornais brasileiros, as seções de crônicas estão presentes já na década de quarenta do século XIX. O *Correio Mercantil* (1848 – 1868) do Rio de Janeiro traz nas suas páginas muitas seções de crônicas, que se localizam na Seção Pacotilha ou na Seção Folhetim do *Correio Mercantil*. A leitura detalhada dessas seções de crônicas revela a presença marcante de uma vertente do gênero que tem por base o retrato crítica do contexto.

Essa é uma tipologia de crônicas perceptível nos outros jornais brasileiros dos séculos XIX e XX. A essa vertente, estão ligados cronistas brasileiros de vários períodos, dentre eles, Joaquim Manuel de Macedo, Augusto de Castro, Raul Pompeia, Antônio de Alcântara Machado e Rachel de Queiroz.

São autores que tem produção cronística volumosa, resultante de um longo tempo de criação para vários periódicos.

Aqui é importante destacar as seções de crônicas de maior duração desses autores. Joaquim Manuel de Macedo escreveu para a Seção Labirinto do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro na década de cinquenta do século XIX.

Raul Pompéia escreveu para a Seção Lembranças da Semana e para outras do *Jornal do Commercio* nas décadas de oitenta e noventa.

Antônio de Alcântara Machado escreveu para as seções Saxofone e Cavaquinho do *Jornal do Commercio* entre 1926 e 1927.

Rachel de Queiroz escreveu para a Seção Última Página da revista *O Cruzeiro* de 1945 a 1975.

Augusto de Castro escreveu para a Seção Cartas de um Caipira do *Jornal do Commercio* de 1872 até meados da década de oitenta.

Em decorrência de Augusto de Castro ser muito representativo da gênese de criação textual, parte fundamental da crítica literária e textual segundo Tynianov, dessa vertente, comento neste artigo as características do seu processo composição.

Outro propósito do comentário é o de suprir uma lacuna da historiografia literária brasileira e do jornalismo relativa a Augusto de Castro, que além de cronista foi jornalista e teatrólogo Augusto de Castro (1833-04/08/1896).

O leitor que realize a leitura das crônicas de Augusto de Castro vai perceber que a obra do autor é muito atual e ainda muito viva. Nas crônicas, Augusto de Castro explora sobretudo o poder de desencadear o pensamento crítico por meio duma linguagem literária e jornalística muito criativa, que dá forma à notícia (novidade). Suas crônicas apresentam um mosaico geral da vida da corte e de outros grupos sociais do Rio de Janeiro no Segundo Império.

Os compêndios de literatura apresentam informações escassas sobre Augusto de Castro. No *Dicionário Biobibliográfico Brasileiro* (1937, p. 647), J. F. Velho Sobrinho registra informações resumidas sobre a vida e obra do autor. Augusto de Castro nasceu em 1833 no Rio de Janeiro e faleceu em 04 de agosto de 1896 em Niterói. Formou-se advogado pela Faculdade de Direito do Recife em 1857. Foi funcionário público da Prefeitura do Rio de Janeiro. Ocupou os cargos de diretor da Repartição da Estatística do Estado do Rio de Janeiro e de secretário da Estrada de Ferro D. Pedro II. Atuou durante vários anos na função de redator em vários

jornais do Rio de Janeiro. Foi também escritor de peças teatrais e de crônicas.

A produção textual de Augusto de Castro abrangeu várias áreas. Sobre os usos gramaticais da língua portuguesa, publicou o livro “Questiúnculas da Língua Portuguesa” pela Tipografia Imperial de J. Villeneuve & em 1889, que foi comentado por Raul Pompeia numa crônica.

Para o teatro, o autor criou comédias e outros gêneros. Os títulos das peças são os seguintes: “A ninhada de meu Sogro” (1863- comédia); “A Ilha das Cobras na Véspera da Descoberta do Brasil”: imitação da opereta “*L’Ile de Tulipatan*” (Rio de Janeiro: Typographia Popular de Azevedo Leite, 1869); “Barbas de Milho”: paródia da ópera cômica *Barbe Bleue* – Teatro Fênix Dramática, (Rio de Janeiro: Typographia Americana, 1869 ); “O Reinado das Mulheres”: paródia de “*La Reine Crinoline*” – Teatro Fênix Dramática; “O Senhor Mello Dias, amante das mesmas”, paródia de “*Monsieur Choufleuri*” – Teatro Fênix Dramática; “O Cataclismo de 1869” – comédia; “O Fechamento das Portas” (comédia sobre o fechamento do comércio aos domingos e dias santos) – Teatro Fênix Dramática; “Vaz Telles & Companhia” (comédia) – Teatro Recreio Dramático; “De Herodes para Pilatos” – comédia imitada do francês -1881- Teatro Recreio Dramático; “O Morro do Nhéco” : certidão em três atos – 1883 – Teatro Santana; “Tchang – Tcheng – Bung” : a propósito; “Bandidos de Casaca” – drama; “A Paqueta”: opereta paródia; “Nem a Tiro!”

Para o “*Jornal do Commercio*”, Augusto de Castro escreveu mais de quatrocentas crônicas por mais de dez anos para a Seção Cartas de um Caipira (1871 – 1883) do Folhetim do *Jornal do Commercio*.

É a seção de crônicas de maior duração no jornal. A crítica em geral e aquela proveniente do humorismo estavam presentes na seção Cartas de um Caipira, que apresentava um contraste com as seções ligadas aos gêneros jornalísticos, especificamente noticiosos, que se distinguiam no *Jornal do Commercio* pela visão sóbria e contida dos fatos.

A leitura das crônicas revela um escritor que concretiza uma linguagem literária complexa e um processo de composição que instiga o raciocínio, a reflexão.

É muito interessante o processo de composição das crônicas. O autor combina ficção com testemunho, Há uma superestrutura semântica narrativa, permanente, que é ficcional. O autor fictício das crônicas é o

personagem Felipe, caipira da cidade de Araraquara (interior do Estado de São Paulo), que vive na cidade do Rio de Janeiro e manda constantemente cartas para o parente Chico, padre com paróquia na cidade paulista de Araraquara. A parte testemunhal tem por base os acontecimentos e fenômenos humanos reais da cidade do Rio de Janeiro, que são comentados livremente pelo Felipe. Aspectos satíricos e paródicos apoiados na ironia são constantes nas crônicas. É um processo de composição muito presente atualmente nas mídias de grande alcance, dentre elas, a televisão, a internet.

A título ilustrativo, vejamos na crônica de 29 de agosto de 1872 as caracterizações satíricas (crítica ao meio) e paródicas relativas às atitudes dos políticos nas eleições. O pensamento irônico estrutura a linguagem metafórica do autor ao fazer apreciações sobre o candidato e o eleitor. No início do processo eleitoral, o eleitor é “presunto de banquete” para os políticos, pois ele é valorizado, cortejado, adulado. Após as eleições, o eleitor passa a ser “osso de presunto”, é desqualificado, desprezado, abandonado, pois o político não presta contas sobre as coisas que foram prometidas. A ironia está presente também nas alusões intertextuais. É feita uma justaposição comparativa da atitude do político e do personagem Barba Azul. O político age do mesmo modo que o personagem Barba Azul da fábula de tradição oral. O Barba Azul casa-se com várias mulheres, não as satisfaz e mata-as sistematicamente. O candidato eleito apresenta o mesmo comportamento e a mesma trajetória.

Por meio dessa linguagem literária lúdica, Augusto de Castro leva o leitor a olhar de maneira microscópica os fenômenos humanos da cidade do Rio de Janeiro.

As crônicas de Augusto de Castro têm grande impacto e intervenção no período de sua criação (1871-1883). Sacramento Blake, o mais rigoroso dicionarista de literatura no Brasil do século XIX, dá grande importância às crônicas do autor. Para o dicionarista, essa seção Cartas de um Caipira tem grande repercussão política, pois suas críticas provocam a mudança dum gabinete do governo do Segundo Império.

A respeito da vida e obra de Augusto de Castro, nenhum manual atual de história literária e do jornalismo trouxe até agora as informações que destacamos aqui. Elas foram extraídas do artigo “Dr. Augusto de Castro”, publicado sem assinatura no jornal carioca *Don Quixote* em 8 de agosto de 1896. É um texto extenso de homenagem póstuma ao falecimento do autor, que foi enterrado no cemitério de Maruí.

O jornal *Don Quixote* tinha as suas instalações na Rua do Ouvidor, 109. Na década de noventa, a assinatura anual para o Rio de Janeiro custava 25\$000 mil réis e a semestral 14\$000 mil réis, nas províncias o preço era de 30\$000 (anual) e de 16\$000 (semestral). A presença de caricaturas era marcante nas ilustrações sempre numerosas. Vinha com oito páginas de três colunas cada uma; trazia as Seções Noticiário, Telegramas e outras. Ângelo Agostini era o diretor e ilustrador do jornal.

Augusto de Castro foi o primeiro redator do jornal *Semana Ilustrada*, que surgiu por iniciativa dos irmãos Fleiuss (1860-1875), depois editou com Ângelo Agostini o periódico *Vida Fluminense* (década de sessenta). Nesses jornais, explorava o humor que tinha por base a relação entre os textos escritos e as imagens ilustrativas, que eram em boa parte caricaturas.

É interessante notar que Augusto de Castro ficou esquecido para a posteridade, apesar da qualidade literária e da profunda intervenção do autor no contexto do seu período. Tenho em vista que isso se deve ao fato de o autor não estar integrado nos círculos de intelectuais (escritores e artistas em geral) da corte do Rio de Janeiro que se apoiam no poder constituído para a subsistência econômica e para a propagação de suas obras. Aqui remeto o leitor à leitura duma crônica de Alcântara Machado (p. 197-205), cronista paulista das primeiras décadas do século XX, que diz que a essência do comportamento de compadresco (apadrinhamento) era típica dessa tipologia de intelectuais no período. Para Alcântara Machado, a literatura era um reflexo da política, os escritores eram subservientes.

Não era o caso de Augusto de Castro, nem de Joaquim Manuel de Macedo, Raul Pompeia, do próprio Alcântara Machado e de Rachel de Queiroz. Nas crônicas desses autores, a crítica do contexto é estruturante do processo de gênese textual, há o humor, a ironia com aspectos de sátira e paródia. Na leitura desses cronistas, o leitor é conduzido do jornalístico-literário para outras séries do conhecimento. São textos que evidenciam aspectos profundos de São Paulo e do Rio de Janeiro pouco comentados nas outras séries e gêneros textuais dos seus períodos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAKE, Augusto Victorino Alves de Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. 1º vol. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1883.

*JORNAL do Commercio*. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Commercio, 1827-1950.

*O Cruzeiro*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1928-1975.

MACHADO, António de Alcântara. *Obras de Alcântara Machado*, vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1983.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*, vol. II. São Paulo: Saraiva, 1969.

*SEMANA Ilustrada*. Rio de Janeiro: Typographia da Semana Ilustrada, 1863.

TYNIA NOV, J. *Avanguardia e tradizione*. Roma: Dedalo, 1968

VELHO SOBRINHO, J. F. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1937.

## ANEXO:

Para conhecimento do leitor, apresento a seguir fragmentos da crônica de Augusto de Castro “Cartas de um Provinciano na Corte”, que foi publicada pelo periódico *Semana Ilustrada* em 1863.

Tu que vens à corte, desconfiado e tímido ; tu que, escarmentado pela *Gazetilha* ou pelas *Notícias diversas*, cuidas ver em uma palavra amigável uma *facada*, em um sorriso meigo uma *armadilha* , em cada transeunte que te encara; ou um inimigo posto de *emboscada* despido de más tenções, julgas na tua boa fé de homem primitivo, que tudo quanto luz é ouro, e que a palavra foi inventada para manifestar o pensamento; tu que já de longe te denuncias, ou fales ou emudeça ou te movas ou te quedes, ou olhes para cima ou te volvas para os lados, homem da roça, homem da província ouve os males que estão apercebidos à tua demasiada desconfiança ou à tua excessiva credulidade, em todo o vasto âmbito desta cidade estupenda, onde algum dia, já tosquiado, hás de , talvez passear com pernas de conquistador nos seus domínios.

Não creias todo o mal, não te leves de todo o bem que te contarão das boas da cidade de S. Sebastião.

Fica no mesmo termo. Andarás seguro.

Mas ouve os meus conselhos. Dout’os de graça. Bem cômoda condição!

Sentido, pois, patrício meu!

/.../

Os teus iguais, homem ingênuo, chegam à cidade de S. Sebastião imbuídos em ideias bem características de simplicidade primitiva, em que vive a gente provinciana.

Não quero com isto dizer que lá pelos teus pátrios lares não haja muita malícia refinada e até vícios de tremenda intensidade. É, ao revés, para mim ponto de fé que campônio e rústico são equivalentes de sonso e velhaco.

Em um provinciano há ordinariamente quanto basta para se talhar um político sagaz, um jesuíta astuto. Por exemplo...

/.../

Ora eu me compadeço dos provincianos. Quero-lhes bem, porque... também já fui provinciano.

Vê, pois, que meus conselhos são mais que sinceros.

/.../

Se na província gente que se estima, para se mover daqui para acolá, se encafua em *cadeirinha* ou *tipoia*, o que não deve ser na corte?

Cuidado com os carros!

Cautela com os tálbures!

/.../

Um cocheiro, regra geral, é a entidade mais insolente e velhaca de entre quantas andam por aí a explorar esse grande papalvo, que se chama público.

É natural que assim seja.

(BLAKE, 1863, p. 860-861)